
EDITORIAL

É idiossincrático no Homem, Ser inteligente mas imperfeito, provocar situações cujo controlo coordenado amiúde lhe escapa, em aparente descomando do que cria.

Dáí que, perante a constante inovação que produz e reproduz, se veja compelido a munir-se de mecanismos de alerta ou de travagem, reguladores de níveis de segurança aceitáveis e capazes de limitar o risco latente de, com refinadas gerações de ideias e recursos, pôr em causa a sua própria existência.

Contudo, as restrições voluntárias a que se submeta ou os parâmetros redutores que lhe imponham não serão, isoladamente, garantia de acesso vedado a estádios de insegurança.

O saber não é fluido que se congele e, muito menos, passível de eliminar por decreto.

Conhecer conduz a descobertas; ao Homem restará, sempre e unicamente, a Vontade, como forma de promover a sobrevivência por que luta, mas que, em simultâneo, arrisca ao desvendá-las.

Não surpreende, pois, que, por via da inteligência e da vontade o Homem tente reduzir, a limiares moderados, os excessos da sua criatividade no domínio dos utensílios que, em nome da autodefesa, ameaçam destruí-lo, procurando, ao mesmo tempo, controlar o admissível, em processo iterativo de prudente prevenção da tão ansiada paz e liberdade.

Tais atitudes, louvavelmente salutares, nem sempre são, infelizmente, percebidas na dimensão total dos efeitos secundários que arrastam, seja por impreparação do recipiêdo, seja por demagógica manipulação, susceptível de lhe embaciar a visão e as perspectivas ou, ainda, por força de euforias compreensíveis, mas quantas vezes ilusórias.

Os utensílios de defesa, apreciados, reduzidos e pretensamente objecto de controlo, existem para dissuadir como meio de resposta, em última instância que se quer nunca surja, a irreduzíveis ameaças que as conflitualidades de interesses, também elas Natureza, interpõem ao quotidiano.

E não será difícil aceitar que o desaparecimento, em algum grau, desses instrumentos, eles mesmos entendidos como ameaça, tornarão esta muito menos perceptível, quando afinal, no concreto imediato, só os riscos adjacentes parecem resultar efectivamente diminuídos.

Em realidade, a ameaça global, aquela adicionada a quaisquer outras, terá, em consequência, que ser reavaliada e redescrita, convenientemente explicada e seguramente interiorizada por todos, sem excepção, honrando a seriedade inerente às decisões tomadas neste campo, no qual o bem da Humanidade é a bandeira.

Nisto se conciliarão as condições mínimas e os requisitos indispensáveis ao êxito de iniciativas e medidas subsequentes, tendo em vista uma sentida melhoria do bem-estar, o progresso e o desenvolvimento que o sustentam, a segurança que é tranquilidade, como meta.

Somente uma correcta percepção da ameaça, além dos riscos, conscientemente integrada e assumida, permitirá falar, honestamente, em cooperação, entendimento e confiança entre as partes em confronto, para lá das intenções apregoadas ou dos efeitos adquiridos.

Uma percepção das verdades que se constituirá, afinal, no melhor veículo transportador do primeiro pressuposto da defesa, individual e colectiva, que é a motivação, de onde emanam as atitudes e os comportamentos adequados.

Será esta motivação, hoje e sempre — porventura mais hoje do que dantes —, o fulcro e o foco de atenção de todo o Homem, na preservação maximizada da tranquilidade que almeja. Mas se esta for, realmente, o objectivo que tenta conseguir, duas tarefas, ingentes, se lhe colocam, antes do mais.

Em primeiro lugar, abdicando de egoísmos e doando-se, empenhadamente, no fortalecimento do aspecto solidário na vida em comum.

E se a independência mútua das comunidades oferece, por si só, uma base ideal de partida para o estabelecimento de uma organização social assente em solidariedade de interesses e em comunhão de responsabilidades, mal se compreende que o Homem o não consiga ou não o tente, como meta superior a alcançar e a manter.

Depois, em paralelo e apoiando o aspecto solidário, a promoção de vivência comunitária de coesão inabalável, em união harmoniosa na defesa de interesses comuns, pelos quais haverá, denodadamente, de esbater diferenças naturais e solucionar desacordos que subsistam.

Não existindo coesão, pouco importará que o Homem se preocupe com os meios e os instrumentos de defesa, que as motivações para deles se servir serão diversas, enfraquecedoras do conjunto, senão mesmo dramaticamente perigosas.



Termina este ano de 1987 com mensagem positiva da vontade do Homem em tornar o Mundo mais estável e mais tranquilo.

Maior tranquilidade, sendo o que procura, não será compatível, porém, com graus de segurança diferentes intra e intercontinentes.

Os consensos afirmados e bem assim os que o futuro reservar, não poderão, por seu turno, frutificar sem um robustecimento consentâneo da solidariedade e da coesão entre os povos que os ditam.

Neste sentido, à Aliança onde estamos competirá valorar com maior vigor, na prática, o espírito do artigo 3.º do Tratado subscrito e a respeitar.

E a nós, do Velho Continente, caberá «reeuropeizar» o nosso Todo, não em arquétipo utópico de um Proudhon, antes por um anímico que desperte a voz da razão, solidários, coesos e irmanados por valores comuns que nos identificam e que nos projectarão para a História.